

O BRINCAR E O ESPAÇO COLETIVO DE BRINCADEIRAS: ENTRE LIMITES E POSSIBILIDADES NA EDUCAÇÃO INFANTIL

**Aline Aparecida Akamime
Silvana Ortiz Vieira Ruiz
Escola Municipal de Educação Infantil Fadinha Azul**

O presente texto tem o objetivo de refletir a respeito da importância do brincar e do ato de planejar momentos de brincadeiras na Educação Infantil. Metodologicamente, centra-se nas reflexões e discussões suscitadas a partir das intervenções das professoras das duas turmas de agrupamento III da EMEI Fadinha Azul, escola da Rede Municipal de Campinas-SP, nos momentos de planejamento e ação envolvendo brincadeiras com as crianças. Fundamenta-se nos pressupostos da teoria histórico-cultural desenvolvida por Vygotsky em que o aprendizado se dá nas interações, mediações e vivências da criança no mundo que a circunda.

Todo início de ano letivo traz novas possibilidades e, principalmente, novos desafios. Este ano de 2014 não tem sido diferente.

A equipe está se formando novamente com a chegada de uma nova professora, Silvana, bem como a chegada de uma nova orientadora pedagógica. Nesse sentido, se fez necessária a conversa, escuta, pensar e planejar juntas, para que o trabalho com as crianças fosse realizado em parceria, pois é por meio dessa troca que as concepções se ampliam e se diversificam, afinal, as necessidades, muitas vezes, são as mesmas, mas os modos de ver e conceber são diferentes.

Concebendo uma Educação Infantil fundamentada nos preceitos de que a formação da criança se faz a partir de seu contexto histórico-social e da mediação do professor que compreende a criança enquanto sujeito de direitos, que possui sua própria cultura e que, apesar de sua pouca idade interpreta, à sua maneira o mundo que a cerca, as atividades foram planejadas, visando ao desenvolvimento da criança por meio da interação, brincadeiras e parcerias que fizeram parte do planejamento inicial para o trabalho a ser desenvolvido e foram sendo ampliadas no cotidiano das turmas, no decorrer do ano letivo, conforme a equipe de educadores foi interagindo, entre si e com as crianças, e replanejando o trabalho.

No cotidiano escolar, observando e escutando as crianças e entendendo o brincar conforme Elkonin (1998) como principal meio pelo qual a criança aprende e eixo da educação infantil, sentimos a necessidade de desenvolver um projeto de brincadeiras coletivas usando o pouco espaço que temos, enriquecendo-o com novos materiais e momentos pensados para propiciar às crianças brincadeiras de integração que possibilitassem o desenvolvimento do equilíbrio, das estratégias, da ajuda (para os que ainda não conseguem), enfim, o brincar de uma forma prazerosa, lúdica para todos. Isso porque nossa EMEI possui um espaço externo sem muitos brinquedos e/ou recursos para brincadeiras livres, contando somente com uma casinha do Tarzan, gangorras, gira-gira e balanços juntos a um tanque quase sem areia. Como brincar duas turmas de AGIII (crianças de 3 a 6 anos) e AGII (crianças de 2 e 3 anos de período integral), juntas sem que as crianças dispersassem e comesçassem a se desentender em disputas de espaço/ brinquedos?

Uma vez que a organização do espaço é pedagógica e revela muito a respeito da concepção de criança, de infância, e de educação infantil que se tem, sentimos a necessidade de repensar e reorganizar esse espaço externo, considerado a princípio de poucos recursos como um espaço de possibilidades. E por conceber a criança como um ser completo, capaz de

fazer escolhas, inventiva, que gosta de superar desafios (RCNEI, 1998), começamos a reorganizar o nosso brincar nos momentos de parque.

Começamos a brincar utilizando diferentes recursos explorando diferentes possibilidades como, por exemplo, propondo brincadeiras com bolas em círculos grandes, de passar bolas de diferentes maneiras, chutes a gol, pular cordas, amarelinhas de bambolês, túneis de bambolês e o próprio bambolear, cordas esticadas entre a árvore e a casinha do Tarzan, como possibilidade de andar entre cordas sem que o “jacaré que está lá embaixo coma alguém”, sempre tendo um adulto mediador por perto para propor a brincadeira e auxiliar quando preciso.

Em tempos de calor as crianças, frequentemente, mencionavam e propunham nas rodas de conversa a brincadeira com água, e com o racionamento de água que impossibilitava banhos de esguichos ou chuveirões propusemos gincanas de bexigas com água, gincanas e corridas de buchinhas para encher potes de água, pois assim saciava a vontade de brincar com água sem usá-la em demasia, sempre atentando para o brincar junto com as crianças pequenas AGII, junto as crianças de AGIII, tornando a brincadeira muito mais prazerosa e empolgante para todos.

Além das brincadeiras com materiais como bola, cordas, bambolês, temos proposto brincadeiras coletivas de roda: ovo choco, pato pato ganso, coelhinho sai da toca, pega chiclete, rodas cantadas (ciranda dos bichos, yapo...), que envolvem ritmo, equilíbrio, velocidade, atenção, sequência, dança e acima de tudo, muita diversão.

Enfim, com todas essas brincadeiras, com ou sem materiais, temos observado que as crianças brincam juntas entendendo suas diferenças e preferências, e em muitos momentos, elas mesmas propõem as brincadeiras e brincam entre seus pares, ajudando a subir na corda, ensinando a pular os bambolês, cantando em rodas menores durante as brincadeiras livres, o que nos mostra que nossos objetivos têm sido alcançados e que o brincar coletivamente está sendo resgatado em nossa EMEI entre nossas crianças.

PALAVRAS-CHAVE: BRINCADEIRAS COLETIVAS; EDUCAÇÃO INFANTIL; ESPAÇO.

REFERÊNCIAS:

BRASIL. *Referencial curricular nacional para a educação infantil*/ Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília:MEC/SEF, 1998.

ELKONIN, D. B. *Psicologia do jogo*. (A. Cabral, Trad.). São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 7ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.